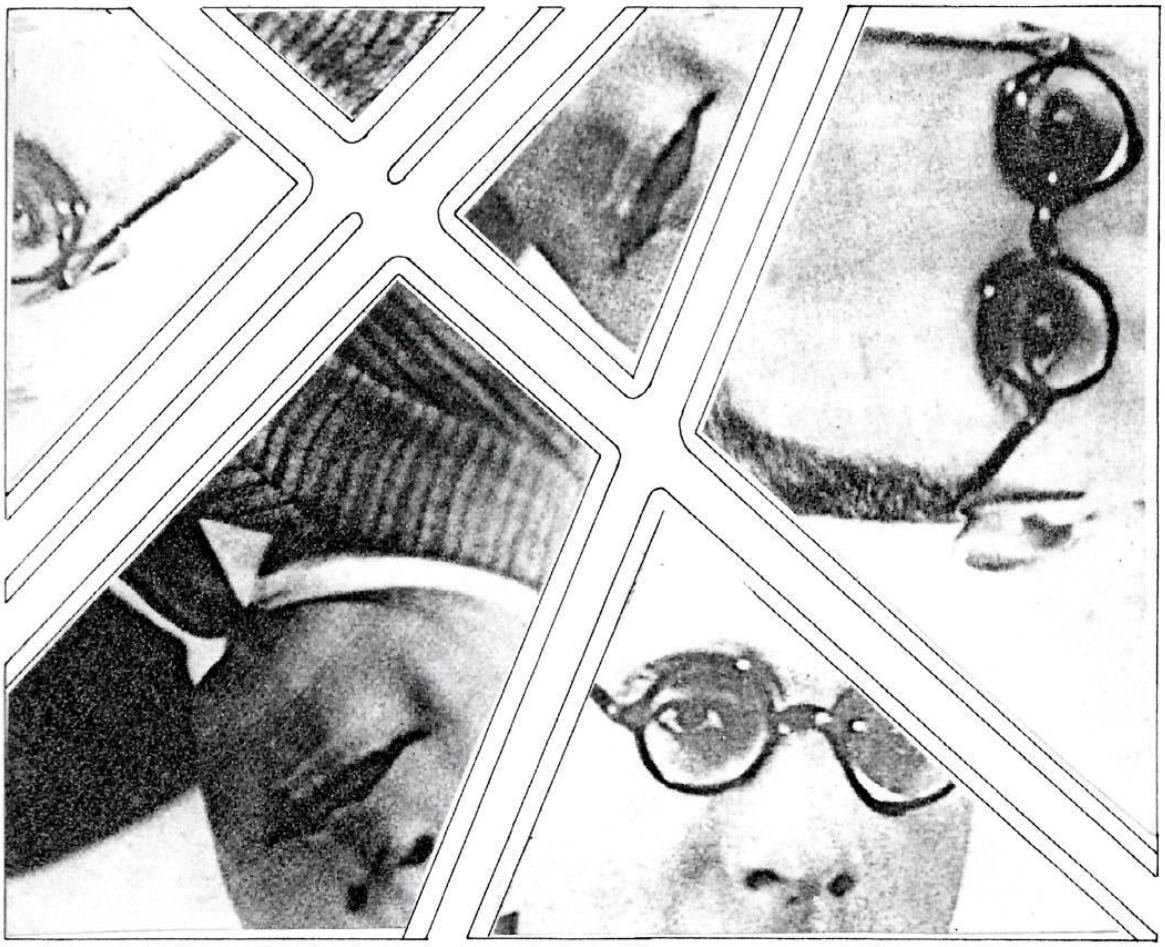
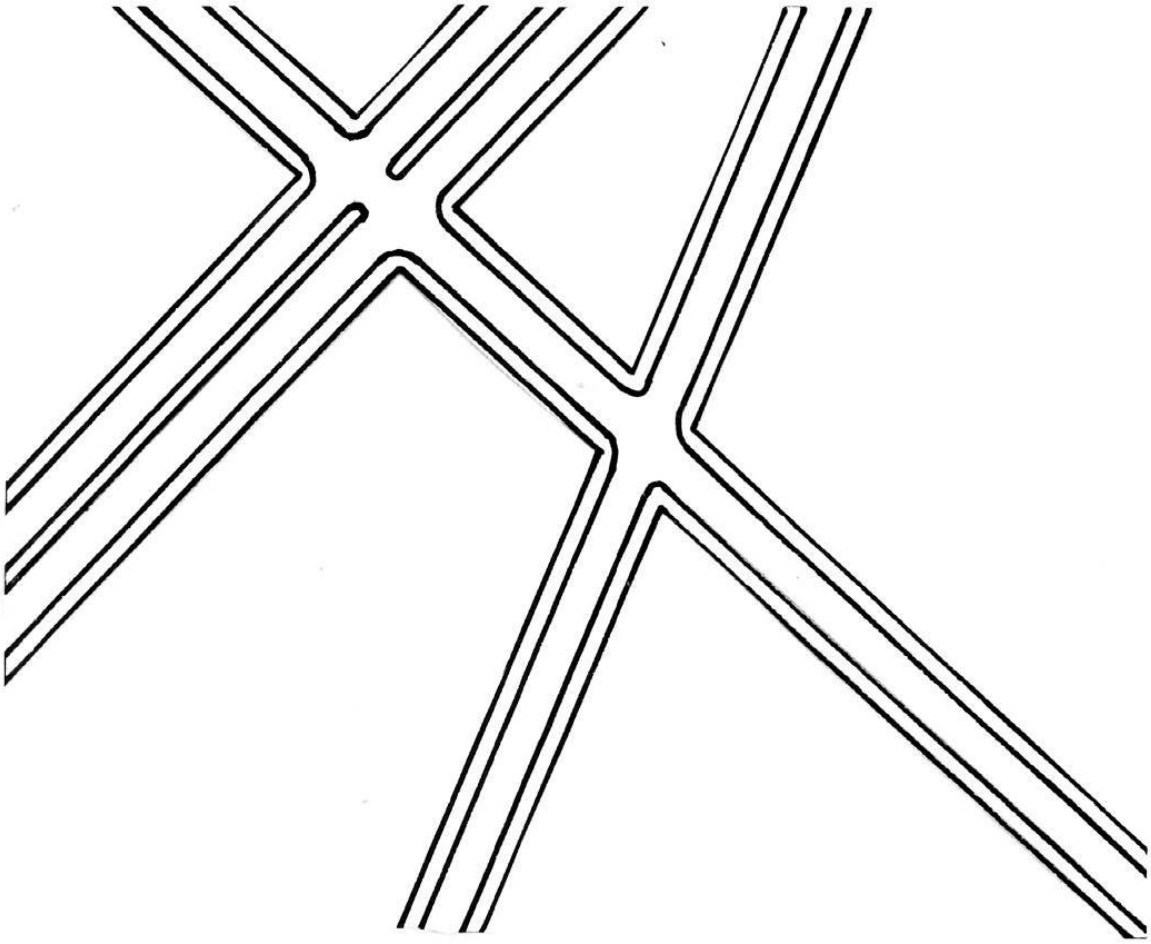
o esquartejamento do poeta



das vaias ao cansaço dos aplausos

1922/1992: dos tomates atirados,
fizemos,
70 anos depois,
uma limonada.

reginaldo assis de paiva
são paulo - março 89



ou:
(a cidade recuperando e rec
onstruindo o corpo do poet
a, desde 1922 espalhado pe
los 4 cantos da cidade)

OBJETIVOS
Como Maanape, antigamente, buscamos restaurar as 12 peças do corpo do poeta, por ele mesmo sepultadas em vários pontos da cidade, segundo testamento de próprio punho, publicado às páginas tantas de suas Poesias Completas, no obituário da Lira Paulistana.

METAS
Homenagear o poeta Mario de Andrade, através da instalação de um "açougue cultural", que recupere as práticas de Maanape, irmão de Macunaíma e do gigante Piaimã, comedor de gente e que ainda mora "*num tejupar maravilhoso rodeado de mato no fim da rua Maranhão, olhando pra noruéga do Pacaembú*" e que hoje se dedica a mastigar casas velhas e terrenos ociosos da Avenida Paulista.

Como escreveu a vítima:
"o herói picado em vinte vezes trinta torresminhos bubuiava na polenta fervendo, Maanape catou os pedacinhos e os ossos e estendeu tudo no cimento pra refrescar. Quando esfriaram a sarará Cambgique derramou por cima o sangue sugado. Então Maanape embrulhou todos os pedacinhos sangrando em folhas de bananeira, jogou o embrulho num sapiquá e tocou pra pensão.
Lá chegando botou o cesto de pé assoprou fumo nele e Macunaíma veio saindo meio pamonha ainda, muito desmerecido, do meio das folhas. Maanape deu guaraná pro mano e ele ficou taludo outra vez".
(Macunaíma/Piaimã, Capítulo V)

Se a "peça acusatória", apresentada neste documento, nos desvenda o aspecto das partes do poeta, as confissões da vítima, constantes dos Anexos I e II, nos falam de seu caráter irresponsável, brincalhão e irreverente. Nos fala do seu gênio. A recomposição urbana do corpo do poeta comporta um trajeto que se inicia pela visita ao seu joelho na Maria Antônia e termina com a incorporação do seu espírito, na Praça da Sé.
À noite podemos buscar seus olhos piscando, lá pras bandas do Jaraguá, atrás da desengonçada armação de seus óculos.

Esquartejado e deglutido o poeta, estaremos retornando às práticas dos nossos avós tupis que, com muita propriedade, entenderam que o melhor a fazer com missionários de nomes tão apetitosos com Dom Pero Fernandes Sardinha era assá-lo. E o fizeram, com muitos melhores conhecimentos culinários que os esquartejadores de Tiradentes, que esparramaram os pedaços do Mártir pelas estradas de Minas mas entenderam de salgar-lhe a casa (!). Nada entendiam da arte da churrascaria, como se vê.

CONTEXTO
A sedução do que ficou depois que nada ficou é uma ideia que poetas e artistas reelaboram incessantemente ao longo dos séculos. Vem desde 3.000 anos atrás, nos escritos de Lao Tsé – é ilusão ter-se a vasilha como o seu limite de argila. No vazio da argila é que está sua utilidade – para chegar às crianças de hoje através de Lewis Carrol, quando indaga, nas histórias de Alice, como é a imagem da chama de uma vela depois que ela se apaga e, nas terras de Pindorama, passa pelo poeta Drummond e seu verme que devora todo um álbum de fotografias, de tudo deixando apenas um "imortal soluço de vida" e por Joaquim Cardoso com sua escultura do vazio quando persegue a trajetória de uma traça ao longo das páginas de um livro, suas inesperadas ramificações e fim repentino.

O que ficou na São Paulo de 1992, da cidade que o poeta conheceu em 1922?
Como reencontrar o poeta nas ruas e praças que ele nomeou e que, do ambiente inspirador, nada (quase nada) restou?
A cidade de então conheceu e inspirou o seguinte cidadão Mario de Andrade, em retrato autobiográfico:

"Nota: Este conto é plagiado de "Avatara" de Teofilo Gautier que eu desconheceria até hoje sem a bondade do amigo que me avisou do plágio. Mas como geralmente acontece no Brasil o plágio é milhor que o original"
História com data / Obra Imatura

“Estes homens de São Paulo,
Todos iguais e desiguais,
Quando vivem dentro dos meus olhos tão ricos,
Parecem-me uns macacos, uns macacos”.
Os cortejos / Paulicéia Desvairada

“Morte à gordura!
Morte às adiposidades cerebrais!
Morte ao burguês-mensal!
Ao burguês-cinema! Ao burguês tílburi!”
Ode ao burguês / Paulicéia Desvairada

“Laranja da china, laranja da china, laranja da China!
Abacate, camburá e tangerina!
Guardate! Aos aplausos do esfuziante clown,
Heroico sucessor da raça heril dos bandeirantes,
Passa galhardo um filho de imigrante,
Loiramente domando um automóvel”
O Domador / Paulicéia Desvairada

“Minha viola quebrada,
Raiva, anseios, lutas, vida,
Miséria, tudo passou-se
Em São Paulo”
Lira Paulistânia

“Abre-te boca e proclama
Em plena Praça da Sé
O horror que o Nazismo infame
É.

Abre-te boca e certeira,
Tem piedade por ninguém,
Conta os crimes que o estrangeiro
Tem.

Mas exalta as nossas rosas,
Esta primavera louca,
Os tico-ticos mimosos,
Cala-te boca”.
Lira Paulistana

Na rua Barão de Itapetininga
O meu coração não sabe de si,
Não se vê moça que não seja linda,
Minha namorada não passeia aqui”.
Lira Paulistana

NA MESA DA AUTOPSIA

1. O CRIME DA MALA URBANA

   O poeta, a pena como bisturí, seccionou o próprio corpo, sepultou os pedaços por aí, estabelecendo entre as peças anatômicas e o tecido urbano, relações de juras de amor em reconhecimento à vida vivida e promessas de permanência.

   A integra da peça acusatória é:

Quando eu morrer quero ficar,
Não contem aos meus inimigos,
Sepultado em minha cidade,
Saudade.

Meus pés enterrem na rua Aurora,
No Paissadu deixem meu sexo,
Na Lopes Chaves a cabeça
Esqueçam.

No Pátio do Colégio afundem
O meu coração paulistano:
Um coração vivo e um defunto
Bem juntos.

Escondam no Correio o ouvido
Direito, o esquerdo nos Telégrafos,
Quero saber da vida alheia,
Sereia.

O nariz guardem nos rosais,
A língua no alto do Ipiranga
Para cantar a liberdade,
Saudade ...

Os olhos lá no Jaraguá
Assistirão ao que há de vir,
O joelho na Universidade,
Saudade ...

As mãos atirem por aí,
Que desvivam como viveram,
As tripas atirem pro Diabo,
Que o espírito será de Deus.
Adeus".
Lira Paulistana

2. **OS PASSOS DO ESQUARTEJADOR**

As pistas deixadas pelo esquartejador, na Peça Acusatória, foram suficientes para permitir uma fácil localização de todas as partes do corpo, através de um confuso trajeto pelo centro da cidade. O único ponto de mais difícil localização foi a língua que, por um – assim o supomos – erro de datilografia, nos remeteu às diferentes margens plácidas do igarapé Ipiranga, quando, todo o tempo a tivemos debaixo de nossos próprios narizes, ali, no Alto da Ipiranga. Da avenida Ipiranga, quero dizer; e também explicar que a língua que tivemos todo o tempo debaixo de nossos narizes era a do poeta, porque a nossa mesmo também a temos todo o tempo debaixo de nossos narizes, bem o sabemos, qualquer espelho e boca aberta bem nos revela tal fato. O que fizemos foi uma figura de estilo, como aliás os escritores sabem muito bem o que é.

Em resumo, o relatório de busca e localização nos dá o seguinte quadro:

1. PÉS
   Abandonados no cruzamento da rua Aurora com a avenida Vieira de Carvalho, no canteiro central da avenida. Pudemos notar que não exalam nenhum cheiro que fosse mais desagradável que os ambientais.
2. SEXO
   Encontrado no jardim do Largo do Paiçandú, sobre a porta de entrada do banheiro público ali existente. Acreditamos que não houve nenhuma intenção malévola nesta localização, mesmo porque se o olhamos desde a rua Capitão Salomão percebemos a igreja ao fundo.
3. CABEÇA
   Encontrada nas imediações da antiga residência do poeta. Os olhos, esbugalhados, olham na direção do Memorial da América Latina e um texto encontrado ao lado do achado traz a seguinte mensagem:
   "*Macunaíma se desculpou, subiu na montaria e deu uma chegadinha até a boca do rio Negro pra buscar a consciência deixada na ilha de Marapatá. Jacaré achou? Nem ele. Então o herói pegou na consciência dum hispano-americano e se deu bem da mesma forma*".
4. CORAÇÕES
   Encontrados no alto da colina que, desde o Pateo do Colégio, domina o Parque Dom Pedro. Depois de grande dificuldade de escalar o morro íngreme e escorregadio, descobrimos que se pode chegar às peças facilmente pelo calçadão do Pateo.
5. OUVIDOS
   Encontrados defronte ao prédio dos Correios, no Anhangabaú. Não atendem aos chamados, dando a entender que, tanto tempo ali, ficaram surdos, causa da intensa poluição sonora do local, fato sobejamente conhecido.
6. NARIZ
   Encontrado no Largo do Arouche, defronte ao Mercado das Flores e voltado inteiramente para os arranjos de vasos e flores dos comerciantes. Nesta posição ficou de costas voltadas (se é que nariz tem costas) para o prédio da Academia Paulista de Letras. De se supor que o poeta tenha, alí, algum desafeto.
7. LÍNGUA
   Encontrada na entrada da rua Barão de Itapetininga, no tal do "alto da Ipiranga". Sabendo dos interesses do poeta pelas moças que passeiam por esta rua, pode-se arguir do significado da localização. Sabemos a língua como, a um só tempo, o órgão do aparelho fonador e o instrumento universal do deboche. A Barão ficou espremida entre a língua do poeta, em uma das suas extremidades, e as vísceras na outra. Consolida, desta forma, a fama da rua. Foi ali que aconteceu a caminhada, muito debochada, de Flávio de Carvalho em saiote e blusa bufante; é por aí que se ambienta a eternamente proibida "As Enfibraturas do Ipiranga", do próprio poeta.
8. OLHOS
   Meio que escondida em meio à vegetação das encostas do morro do Jaraguá, uma desengonçada armação de óculos (dizem que igual à que o poeta tanto usou em vida), olha São Paulo em permanência através de dois potentes focos de luz que piscam, piscando, ininterruptos, sobre a cidade, treme/luzindo, como o quis o poeta, olhando o futuro desta cidade. Se futuro houver ...
9. JOELHO
   À direita de quem vai, à esquerda de quem vem na contramão, é fácil encontrar o joelho do poeta, quase no final da rua Maria Antônia, entre livrarias, estudantes, joelhos expostos, e "*esse alheamento do que, na vida, é porosidade e comunicação*", ainda que esta seja uma frase de outro poeta e não se refira a São Paulo. O que vem a dar tudo na mesma, porque os dois poetas e as cidades que os inspiraram, hoje, é tudo "*fotografia na parede*". E, se dói, não dói em mim. Dói neles, que são brancos e mentirosos. Poeta "*é muito fingidor*" ...
10. MÃOS
    Equilibram-se no ar, entre o teto do túnel 9 de Julho e o viaduto São Carlos do Pinhal, em gesto muito leve, antecipando a rota para o Encontro das Águas-Mortas; de um lado o rio Tietê, do outro o rio Pinheiros.
11. TRIPAS
    Esparramam-se defronte o Teatro Municipal, onde o poeta e seus amigos foram muito vaiados, 70 anos passados. Muitos dos que vaiaram, depois passaram o resto de suas vidas aplaudindo tudo. Quero dizer que esta cidade não mudou nada. De qualquer forma, é um consolo saber que esculturam não falam, senão o que falaria o poeta defronte ao Municipal, tantos anos depois?
12. ESPÍRITO
    Quase invisível, mas de uma presença incomodativa, o poeta, quero dizer, seu espírito, transluz na Praça da Sé, entre muita gente que não se identifica, labutando em afazeres não enquadráveis. No sopé da estátua vê-se um símbolo muito estranho. A estátua é de corpo inteiro. Sopé quer dizer "a parte inferior" e não que a estátua só tenha pé. Os pés, como já descrito, estão na rua Aurora, esquina com Vieira de Carvalho.

E é só o que tenho a relatar. Nada mais digo porque nada mais me foi perguntado.

A CIDADE E SEUS MONUMENTOS

Na cidade das implosões os monumentos são mais perenes que o traçado de suas ruas, que a solidez (aparente) de suas paredes e muros, que a ilusória eternidade de seus nomes. Por isso, ao contrário do que possam supor os construtores de ruas, paredes, muros e lápides mortuárias, nenhum monumento destoa do ambiente onde for instalado. Esperamos que os projetistas de depois da próxima implosão corrijam eventuais discordâncias ambientais e arquitetônicas que venham a rodear as partes do nosso poeta.

Há que se resguardar as opiniões do poeta, opiniões sobre as estátuas:

"E viver ao pé dos célebres é o processo mais seguro de sair nas fotografias".

"Em verdade a função permanente da estátua não é conservar a memória de ninguém não, é divertir o olhar da gente. O fato é que bem pouco as estátuas divertem ..."

"... carece não esquecer que a estátua deve ter uma função educativa. Neste ponto é que a porca torce o rabo. Só entendo um jeito do monumento ser educativo: é pela grandiosidade obstruente e incomodatícia. O monumento para chamar a atenção de verdade, não pode fazer parte da rua. O monumento tem que atrapalhar".

"A egolatria não consiste apenas na adoração do eu: tudo o que não seja humanidade com amor social, não passa de manifestações interessadas de egolatria".

"Na rua que é quotidiana, de trabalho e vida viva, eles não adiantam nada. Não passarão jamais de estátuas. Feias".

OS EVENTOS CULTURAIS VÁRIOS DOS CIDADÃOS

1. SHOW DO ESQUARTEJAMENTO
   Ou: a volta festiva ao local do crime.
   Espetáculo no Municipal, com apresentação das Modinhas Imperiais e, quem sabe, também com músicas compostas especialmente para a ocasião por desprendidos artistas, ávidos por uma colossal vaia.
2. CHÁ DO POETA
   Chá-happening no Bar Bhama, em estilo dos anos 20, com direito a "máquina-rouge", "máquina-meia-de-seda", "máquina-combinação", com cheiro de casca-sacaca, "máquina-cinta", aromada com capim cheiroso, "máquina-decoletê", úmida de patchulí, "máquina-miténes" e máquina-ford-bigode.
3. A DESPROIBIÇÃO DO POETA
   Encenação do Oratório profano das Enfibraturas do Ipiranga nos locais pedidos pelo texto, um clip velho/novo invadindo as telinhas no horário nobre.

OS SÍMBOLOS INVADINDO TUDO

1. Durante as noites das festividades, no céu do Anhangabaú brilharão as estrelas da Ursa Maior, Macunaíma preguiçando nos ares da Paulicéia (Desvairada).
2. Durante o tempo da festança, mocinhas, velhinhas e outras carregarão nos dedos, nas camisas, nos pulsos, muiraquitãs engastadas, estampadas, penduradas, para muito se lembrarem dos dias estes.
3. O texto da poesia-acusatória deverá constar de todas as estátuas, para que os desocupados e os amantes da arte e os andarilhos tenham um pretexto para muito vagabundear pelo centro de São Paulo.

O FIM CHEGA AO FIM

É como eu disse: FIM. Aqui acaba o texto. Pra quem me leu, espere acontecer.